

Os significados de Shakespeare

Por **Rodrigo Suzuki Cintra**

Valor Econômico, 4.4.2014

Quando uma bandeira era hasteada no Teatro Globe acompanhada do som de uma trombeta, perto das 14 horas, os cidadãos de Londres no período elisabetano ficavam excitados porque sabiam muito bem o que aquilo significava: Shakespeare iria apresentar mais uma peça. Dependendo da cor da bandeira hasteada no teatro, era possível saber que gênero de peça seria exibida. A bandeira negra significava que a sessão trataria de uma tragédia, a bandeira branca, uma comédia, e a bandeira vermelha, um drama histórico.

As obras de Shakespeare faziam sucesso na época em que foram criadas e isso parece não ter se modificado ao longo do tempo. Shakespeare nasceu em Stratford-upon-Avon em 23 de abril de 1564: 450 anos se passaram e o bardo parece ainda provocar os mais variados sentimentos tanto nas plateias como nos leitores. A verdade é que Shakespeare se tornou um clássico e suas criações ainda são estudadas, lidas e representadas no mundo todo.

Antes de perguntar qual motivo levaria alguém a ler os clássicos nos dias de hoje, qualquer pessoa que teve uma educação formal deveria se perguntar, na verdade, qual seria o motivo pelo qual os clássicos não deveriam ser lidos. Italo Calvino faz uma consideração realmente interessante nesse sentido quando afirma que, no fundo, fica difícil encontrar uma utilidade imediata para a leitura de uma obra clássica e, portanto, a única razão plausível para nos levar a essas obras é que lê-las é muito melhor do que não lê-las.

No fundo, o que ocorre é que os autores clássicos são capazes de tocar imensamente os leitores. Sua profundidade espanta porque, de certa forma, eles compõem a base da cultura, influenciando a produção intelectual nas mais diversas áreas por muitas gerações. Autores como Shakespeare, Camões, Dante, Goethe e Cervantes não se limitaram somente a criar ficções geniais, mas acabaram por influenciar determinantemente a própria língua falada em suas tradições culturais.

Em se tratando de Shakespeare, no entanto, por mais incrível que pareça, sua importância não está simplesmente no fato de ter contribuído como ninguém para a formação da língua inglesa no início da modernidade. Suas peças contêm algo que ultrapassa a compreensão total, um excesso de significado que inunda as mentes e encanta, uma criação de personalidades tão fortes que fica difícil imaginar que estas habitem apenas o universo ficcional.

Isso ocorre porque os personagens shakespearianos não são exatamente meros atores de uma história, desempenhando um papel determinado - eles têm consciência. Não se revelam simplesmente aos espectadores, eles se desenvolvem, se recriam, refletem sobre si mesmos no palco, questionam as consequências de sua conduta, enfim, têm uma verdadeira vida própria. Com seus vícios e suas virtudes, suas capacidades linguísticas, suas limitações físicas, seus arrependimentos e contradições, os personagens shakespearianos instauram a ideia de personalidade na Idade Moderna.

Críticos como Harold Bloom sustentam que esses personagens, ao desenvolver seus ódios, amores e frustrações ao longo das peças, acabaram influenciando a maneira como as pessoas a partir dali desenvolveriam esses sentimentos. As obras de Shakespeare estariam tão ligadas à cultura ocidental que teriam, como consequência, influenciado a maneira de os homens expressarem as próprias emoções. Em outras palavras, Shakespeare seria involuntariamente responsável pela educação sentimental e linguística do homem moderno. Owen Barfield alegaria que "em um sentido bastante real, por mais humilhante que pareça, o que costumamos chamar de nossos sentimentos são, na verdade, os 'significados' de Shakespeare."

A maneira impressionante pela qual o bardo criava novos significados por meio do jogo de palavras certamente traria consequências para o entendimento de mundo do homem moderno, na medida em que o "Oxford English Dictionary" teria sido praticamente criado à imagem desse dramaturgo. Vale lembrar que Shakespeare talvez seja o mais opulento escritor da língua inglesa, já que chega ao astronômico número de 21 mil vocábulos a quantidade de palavras utilizadas por ele em suas obras. E o mais espantoso é que, entre esse número gigantesco de palavras usadas, cerca de 1.800 correspondem a neologismos.

As obras de Shakespeare Veja a seguir, divididas por gênero			
Tragédias <ul style="list-style-type: none"> ■ "Tito Andrônico" - 1592 ■ "Romeu e Julieta" - 1595 ■ "Júlio César" - 1599 ■ "Hamlet" - 1600-1 ■ "Otelo" - 1603-4 ■ "Timão de Atenas" - 1605 ■ "Rei Lear" - 1605-6 ■ "Macbeth" - 1606 ■ "Antônio e Cleópatra" - 1606 ■ "Coriolano" - 1608 	Dramas históricos <ul style="list-style-type: none"> ■ "Henrique VI (Parte 2)" - 1591 ■ "Henrique VI (Parte 3)" - 1591 ■ "Henrique VI (Parte 1)" - 1592 ■ "Ricardo III" - 1592-3 ■ "Ricardo II" - 1595 ■ "Rei João" - 1596 ■ "Henrique IV (Parte 1)" - 1596-7 ■ "Henrique IV (Parte 2)" - 1597-8 ■ "Henrique V" - 1598-9 ■ "Henrique VIII" - 1613 	Romances ou tragicomédias <ul style="list-style-type: none"> ■ "Pérgles" - 1607 ■ "Conto de Inverno" - 1609 ■ "Cimbelina" - 1610 ■ "A Tempestade" - 1611 ■ "Os Dois Nobres Parentes" - 1613-14 	
Comédias <ul style="list-style-type: none"> ■ "Os Dois Cavalheiros de Verona" - 1590-1 ■ "A Megera Domada" - 1590-1 ■ "A Comédia dos Erros" - 1594 ■ "Trabalhos de Amor Perdidos" - 1594-5 ■ "Sonho de Uma Noite de Verão" - 1595 ■ "O Mercador de Veneza" - 1596-7 ■ "As Alegres Comadres de Windsor" - 1597-8 ■ "Muito Barulho por Nada" - 1598 ■ "Como Gostais" - 1599-1600 ■ "Noite de Reis" - 1600-1 	Peças problema <ul style="list-style-type: none"> ■ "Tróilo e Crésida" - 1602 ■ "Medida por Medida" - 1603 ■ "Bem Está o Que Bem Acaba" - 1604-5 	Poemas e sonetos <ul style="list-style-type: none"> ■ "Vênus e Adônis" - 1592-3 ■ "O Rapto de Lucrecia" - 1593-4 ■ "A Fênix e a Tartaruga" - 1601 ■ "Sonetos" - 1593-1603 	

Essas teses, apesar de enfraquecer um pouco se analisadas do ponto de vista brasileiro, que não compartilha, propriamente, a mesma tradição cultural anglo-saxã, ilustram bem como as discussões sobre a importância do bardo não conseguem se dissociar da mais pura idolatria.

Mas como culpar os bardólatras?

Quem não consegue enxergar em versos como "Quando meu amor jura que é feita de verdade, acredito sim nela, embora saiba que ela está mentindo..." (soneto 138) algo completamente ilógico, que, no entanto, diz respeito, profundamente, ao humano?

Se dizem respeito a temas próprios do homem, por outro lado, escritores como De Quincey, por exemplo, chegam a asseverar que as obras de Shakespeare não podem ser entendidas como resultado da mera capacidade humana. Devem ser vistas como verdadeiros fenômenos da natureza, tal como o sol, o oceano, as

estrelas e as inundações, devendo ser estudadas com a maior submissão, uma vez que nada nelas há de excessivo, deficiente, inútil ou ocioso.

Carlyle, por meio de outra comparação inusitada, tenta exprimir o valor de Shakespeare afirmando que não vacilaria um só momento se tivesse que escolher entre o império britânico e as obras do poeta. Percamos o império, mas fiquemos com Shakespeare, este livro único, diria.

Os personagens shakespearianos, com todas as suas peculiaridades e conflitos, somente podem ser entendidos em um mundo que rompe com a mentalidade medieval e começa a instaurar o Homem como centro de todas as coisas. O dramaturgo renascentista, no início da modernidade, compõe personagens complexos, conscientes, capazes muitas vezes de escapar ao julgamento moral tradicional. Como julgar personagens como Hamlet e Falstaff de acordo com as certezas morais tradicionais? Aliás, como não perceber em suas falas uma potencial desintegração dos valores tidos como universais?

A facilidade com que esses personagens conseguem impor sua individualidade, demonstrar quem são na peça, suas diferenças perante os outros personagens, parece um estímulo à conduta individual consagrada na modernidade. De certa forma, durante o renascimento, na virada da mentalidade medieval para a mentalidade moderna, Shakespeare contribuiu com suas impagáveis criações para a formação do que chamamos de personalidade. Para melhor perceber como isso opera, basta lembrar que o poeta criou centenas de personagens.

A paixão juvenil de Romeu e Julieta, as peripécias pelas quais passa Petruccio para conquistar a megera Catarina, as dúvidas existenciais do jovem Hamlet, a ambição de Macbeth, o poder de comando de Henrique V, todas essas criações do bardo continuam extremamente atuais para o público do século XXI. Estudar a obra de Shakespeare não só é uma busca de compreensão do humano como também uma possibilidade de autoconhecimento.

Por certo, é esta característica inusitada, a sensação de que por meio das obras de Shakespeare somos capazes de nos compreender melhor, que de alguma maneira torna esse autor um cânone universal. A força estética que seus textos contêm nos torna propensos a introspecção.

Shakespeare escreveu tragédias, comédias, dramas históricos, poemas, romances e sonetos quatro séculos atrás. Suas peças ainda hoje são desempenhadas por todo o planeta com enorme sucesso. Isso porque elas, de fato, contêm algo diferenciado, algo que dificilmente sairia de moda: dizem respeito aos sentimentos humanos. Shakespeare foi capaz, em sua genialidade, de inverter a lógica do teatro: não representou, apenas, o mundo em um palco, mas foi capaz de recriar com sucesso, em suas peças, o palco do mundo.